



VOZ de ANTAS



Taxa Paga - 4740 ESPOSENDE

Preço Avulso: 1,50 Euros

LEVAR A SÉRIO A santidade do Domingo

1. Guardar o sábado como dia santificado, isto é, separado dos restantes e dedicado a Deus, faz parte dos mandamentos dados por Deus ao povo de Israel (cf. *Êxodo* 20, 1-17). Jesus, filho do povo judeu e educado na observância das suas leis, cumpriu com naturalidade este mandamento. Nos Evangelhos, vemo-Lo ir à sinagoga (o local de culto dos Judeus, fora do templo de Jerusalém) em dia de sábado e ser Ele a fazer a leitura das Escrituras e a comentá-las, como aconteceu em Nazaré (cfr. *Lucas* 4, 1 – «Ele foi a Nazaré, onde fora criado, e, segundo o seu costume, entrou no dia de sábado na sinagoga e levantou-Se para fazer a leitura»).

2. Os discípulos de Jesus, seguindo o seu exemplo, guardaram sempre este mandamento. Mas passaram a cumpri-lo ao Domingo, por ser o dia da ressurreição do Senhor Jesus. E, ao longo dos séculos, a Igreja conservou ciosamente esta prática de santificar o primeiro dia da semana, assinalando a ressurreição de Jesus. Tal como os Judeus iam à sinagoga em dia de sábado, também os primeiros cristãos assumiram com naturalidade reunirem-se ao domingo para celebrar a Eucaristia, sendo este o modo mais visível de «santificar» o dia do Senhor.

3. A participação na Eucaristia em dia de Domingo é de tal modo importante que passou a definir o cristão «praticante», por oposição àqueles que se afastaram da vivência da fé;

Continua na pág. 2

OBRAS DE MISERICÓRDIA A SÉRIO

A nossa paróquia propõe-se a tarefa pastoral de sensibilizar os cristãos para novas formas de viver a velada dos defuntos, aproveitando as magníficas condições que a *Casa da Paz* oferece. Assim, sempre que aí se realize a velada de um defunto, o espaço onde é colocado o corpo será ornamentado com flores naturais e plantas em vasos, arranjados de modo a tornar aquele espaço uma homenagem aos mortos e um auxílio para dispor os vivos à oração e meditação. O interior da *Casa da Paz* será, assim, a continuidade do espaço envolvente da mesma, com os seus jardins e espaços verdes.

Esta iniciativa tem dois objectivos: ajudar os familiares e amigos dos defuntos a evitar a compra de flores de todo o tipo, que, terminado o funeral, para nada mais servem; e lembrar que o dinheiro utilizado na compra das flores pode ser usado na realização de obras de misericórdia em sufrágio pelos defuntos. Estas obras de misericórdia são muito variadas: missas pelos defuntos, ofertas para o serviço do culto na paróquia, ou para socorrer os mais necessitados, etc.

Assim, em vez de comprar flores que rapidamente murcham e para nada servem, poderá cada um realizar obras de misericórdia a sério, as quais não deixarão de reverter em bem para os próprios e para os defuntos por cuja intenção são praticadas – tal como ensina a Tradição viva da Igreja, a qual crê firmemente que Deus acolhe tais sufrágios, os quais podem, por isso, ajudar à purificação dos nossos mortos e à sua entrada na bem-aventurança eterna. O mesmo não se pode dizer das flores amontoadas junto ao caixão dos defuntos, por muito belas e caras que sejam...

RELIGIOSOS DE S. PAIO DE ANTAS

Página 3

FINALMENTE, AS FÉRIAS!

Página 8

LEVAR A SÉRIO A santidade do Domingo

cont da 1ª pág.

além disso, a Igreja definiu como pecado «mortal», ou seja, muito grave, a não participação, sem motivo válido, na missa dominical. Infelizmente, hoje, muitos católicos não perderam só o sentido do Domingo e da participação na Eucaristia; perderam também o sentido do pecado e da sua gravidade. É cada vez mais maior, por isso, o número de católicos que «esquecem» a missa dominical por qualquer motivo fútil e não vêem nisso nenhum mal; e se, por acaso, depois estão presentes numa Eucaristia, muitos não têm problema em ir comungar, mesmo sem se terem confessado.

4. Faltar à Eucaristia dominical sem motivo válido (cuidar de idosos ou doentes, ou por doença própria, por exemplo...) é pecado grave. Para ser perdoado precisa de passar pelo sacramento da reconciliação (ou confissão); até que isso aconteça, quem se encontra em tal situação não está em condições de ir à comunhão, mesmo participando na celebração da missa; se for à comunhão, acrescenta um pecado grave ao anterior. Vale a pena levar estas questões muito a sério, pois também por aqui passa a coerência da nossa vida cristã – e a coerência é o testemunho que se nos pede, nestes tempos em que tantos já não acreditam em Deus nem no seu Filho, Jesus Cristo, e aproveitam todas as oportunidades para pôr a ridículo a fé cristã, a Igreja e os cristãos.

Elias Couto

Manuel Viana Alves e Olívia Viana da Cruz Celebraram as Bodas de Ouro

Cinquenta anos depois de terem dito o “sim” pela primeira vez, Manuel Viana Alves e Olívia Viana da Cruz, renovaram os seus votos de casamento no mesmo local onde o tinham feito em 1957.

Foi no passado dia 23 de Junho, pelas 11 horas na Igreja Paroquial de S. Paio de Antas, que o casal celebrou as Bodas de Ouro, com uma cerimónia religiosa que pretendeu hom-

Na celebração estiverem presentes os familiares, que fizeram questão de testemunhar a renovação dos laços deste amor, numa data que merece ser recordada e festejada.

Dos muitos momentos vividos em conjunto ao longo dos cinquenta anos deste casamento, há a destacar três datas marcantes: 20 de Dezembro de 1959, 31 de Julho de 1969 e 6 de Outubro de 1970, os



enagiar meio século de vida em comum. A Eucaristia foi celebrada pelo Senhor Padre António Sá, na qual relembrou o dia inesquecível do seu casamento realizado no longínquo ano de 1957, pelo Padre Apolinário Rios

dias que nasceram, respectivamente, a Helena casada com Mário Poças, a Margarida com o Manuel Lopes e o Fernando com a Maria do Céu, que vieram fortalecer ainda mais esta união, dando ao casal 3 netos e duas netas.

FICHA TÉCNICA

VOZ de ANTAS

DIRECTOR / EDITOR:
MANUEL DE BRITO FERREIRA

PROPRIEDADE:
Fábrica da Igreja Paroquial
de S. Paio de Antas - Esposende

REDACÇÃO/ADMINISTRAÇÃO:
Manuel de Brito Ferreira
Gonçalo Fernandes
Telefs. 253871438 / 253871887

DEPÓSITO LEGAL
N.º 18861/84

COMPOSIÇÃO / IMPRESSÃO:
TIPOPRADO - Artes Gráficas, Lda.
Lugar do Barreiro, Rua 1 - VILA DE PRADO
Apartado 6-Telef. 253929140 - Fax 253929149
www.tipoprado.com - geral@tipoprado.com

CRISMA

Realizou-se no dia 8 do corrente mês na Igreja Paroquial de Belinho a Confirmação.

Cerca de 70 jovens (Forjães, Antas e Belinho) dos quais 26 pertencem à nossa freguesia.

CRISMADOS

César Augusto Gonçalves
Felismina Lima
João Duarte Alves
Liliana Catarina Torres
Nuno Vitorino Laranjeira
Paulo Ricardo Neiva Belo
Raquel Neiva Veloso
Ricardo Gonçalves Arezes
Rui Pedro Saleiro da Cruz
Susana Daniela Viana Rolo
Tiago Manuel Maciel Teixeira
Virginie Dias
Patrícia Viana

Ana Rita Afonso Rei
Ana Sofia Barros Couto
Diogo Sampaio Barros Viana

Luis André Neiva
Luis Filipe Vaz Rolo
Renato Cunha Teixeira
Tiago Augusto Faria
Tomé Filipe Caramalho
Vânia Maria Barros da Cruz
Diana Martins Cardante
André Pires
Patrícia Sampaio

RELIGIOSOS DE S. PAIO DE ANTAS

(conclusão)

P.º Frei Bento de Santa Teresa, dominicano (Século XVIII)

Deixei para o fim aquele frade que, por ordem cronológica, deveria ter sido o primeiro a ser revelado. Tinha a esperança de encontrar dados mais concretos sobre a sua vida mas, infelizmente, os esforços nesse sentido não foram compensadores.

Não foi possível saber quantos anos viveu por não encontrar a data do seu falecimento, e mesmo a data do nascimento está envolta em algum mistério. É certo que nasceu no lugar da Igreja, ao tempo denominado lugar de S. Paio ou de S. Paio de Baixo, possivelmente na casa que depois viria a ser conhecida por "da Vigária". O pároco que o baptizou parece ter-se enganado no ano ao escrever o assento de baptismo que, em ortografia actualizada, reza assim: "Aos vinte e cinco dias do mês de Março do ano de mil setecentos e cinco, eu o P.º José do Rego, vigário desta Igreja, baptizei a Bento, filho de Domingos Rodrigues e de Francisca Alves, do lugar de S. Paio; foram padrinhos Francisco, solteiro, filho de Cristina Jácome, viúva, e Cruz, solteira; e por verdade fiz este termo que assino era ut supra. Vigário José do Rego".

Como se vê, não é indicado o dia do nascimento que, na altura, não era considerado relevante. Como o baptismo era ministrado nos primeiros dias de vida, será de admitir que a data do nascimento se situe entre 20 e 25 de Março. Já quanto ao ano tudo leva a crer que seja

1706 e não 1705. Com efeito, este assento foi escrito depois de outros três de 1706 (28 e 31 de Janeiro e 15 de Março) e segue-se-lhe o seguinte em 6 de Junho do mesmo ano... Lapso do baptizante, sem dúvida.

O pai, conhecido por "Castilhano", viera de S. Tiago de Aldreu casar à nossa terra em 1693. A mãe, Francisca Alves, era irmã do P.º João Alves, abade em S. Tiago de Cardielos, abadia de que tomara posse havia uma boa dúzia de anos por morte de um tio materno, o P.º Manuel Gonçalves do Souto, natural de Santa Marinha de Forjães. Era ainda prima de outros dois sacerdotes da mesma freguesia, o P.º Pedro Domingues Ribeiro e o P.º Manuel Gonçalves, este capelão na nossa igreja de 1706 a 1738, pelo menos. É certo que o menino Bento era o mais novo de outros dois irmãos, Frutuosa, mais velha quase 5 anos, e Manuel, quase 3 anos mais velho. Outros irmãos terão falecido crianças.

Como todas as meninas daquele tempo, a Frutuosa não aprendeu as primeiras letras. O Manuel e o Bento, contudo, receberam apurada instrução. Com efeito ambos assinaram como testemunhas, com muito boa caligrafia, um assento de baptismo em 1718, o Bento apenas com 12 anos e o Manuel com 15, adoptando ambos o sobrenome "Dantas". A que se deve este apelido se o pai era Rodrigues e a mãe Alves? Talvez seja esta a explicação:

É de crer que iniciassem os seus estudos em Cardielos sob a orientação do tio materno, o referido P.º João Alves (Antas, 1653 – Cardielos, 1730). Sobre este eminente sacerdote ver S. Paio de Antas – Sua História,

Sua Gente, pág. 166 e 311. Terão prosseguido a formação académica na vila de Viana e havendo entre os colegas de estudo outros de nomes Manuel e Bento, nada mais natural que os nossos conterrâneos fossem distinguidos pelo nome da terra donde provinham, isto é "o Manuel de Antas" e "o Bento de Antas", ou Dantas como passaram a assinar.

Seguindo o exemplo dos referidos tios e primos, ambos se consagraram à vida religiosa. O P.º Dr. Manuel Dantas de Azevedo, seguramente o primeiro licenciado da nossa terra, dedicado aos seus estudos, nunca parou qualquer freguesia mas coadjuvou, por vezes, os nossos párocos.

Quanto ao P.º Frei Bento, sei apenas que professou na Ordem dos Pregadores de S. Domingos (em Viana do Castelo?), adoptando para nome de religião o seu próprio de baptismo a que juntou o de Santa Teresa de Ávila. É certo que por 1733 e 1734, sendo já sacerdote, estava no Convento de S. Domingos da cidade do Porto. Assim o revela o assento de baptismo do sobrinho Bento, em 1733, filho de sua irmã Frutuosa e cunhado Francisco Pires de Azevedo: "... foi padrinho o P.º Frei Bento de St.ª Teresa, Religioso da Ordem dos Pregadores, e Conventual em o Convento de S. Domingos do Porto". Num outro documento de 1734, que se conserva no Fundo Monástico do Arquivo Distrital do Porto, relativo ao convento de S. Domingos da mesma cidade, assina também Frei Bento de Santa Teresa, juntamente com o Prior daquele convento, o Superior, o Inquisidor Geral, o Mestre de Estudantes e outros seis frades, passando procuração a um outro con-

frade e a um advogado para os representarem em assunto de justiça.

Terá falecido nesse ou noutro convento da mesma Ordem, em Portugal ou nas possessões ultramarinas. Só por sorte se encontrarão outros pormenores que tragam mais alguma luz sobre a sua vida.

Terá havido mais frades da nossa terra? Se os houve, não deixaram rasto ou, se deixaram, até hoje não foi encontrado.

*

Apenas por curiosidade, voltemos ao assento de baptismo do Padre Frei Bento. Os padrinhos, ambos solteiros, ele de 27 anos, ela de 25, viriam a casar na nossa igreja a 21 de Novembro do mesmo ano de 1706.

A madrinha, de nome próprio Cruz (referida como Cruz Fernandes em outros documentos), já tinha sido madrinha da Frutuosa e talvez do Manuel (o assento de baptismo deste é omisso quanto à madrinha e indica apenas o padrinho e como baptizante o Abade João Alves). Cruz era natural de Cardielos e parente quer do dito Abade quer dos referidos afilhados. Viria a casar na nossa igreja com o padrinho, Francisco João (Minante), a 21 de Novembro do mesmo ano de 1706. Foram os pais do P.º João da Cruz (Cruz da mãe) e de pelo menos mais seis filhos que, por sua vez, deram origem à maior parte dos que em S. Paio de Antas usam "da Cruz" no sobrenome, apelido que, por casamentos e emigração, logo se espalhou pelas terras vizinhas e por este imenso Mundo.

Raul Saleiro

CATEQUESE

Chegamos ao fim de mais um ano de catequese e, como tal, é tempo de avaliar tudo o que ao longo destes meses foi acontecendo. Avaliar significa reflectir sobre o desempenho de cada um dos intervenientes neste processo.

Quase se pode dizer que é tempo de perguntar:

Que cor tem a nossa catequese?

Será de um cinzento pouco atractivo ou de cores alegres que irradiam luz que se transmite a todos os que são "tocados" por ela?

A Catequese é uma "tarefa verdadeiramente primordial da missão da Igreja. Ela é convidada a consagrar à catequese os seus melhores recursos de pessoal e de energias, sem poupar esforços, trabalhos e meios materiais, a fim de organizar melhor e de formar para a mesma, pessoas qualificadas". (Ct, 15)

A formação dos catequistas é actualmente uma das tarefas mais urgentes de nossas comunidades, pois, "o catequista é de certo modo, o intérprete da Igreja junto aos catequizandos" (DCG 35).

O objectivo principal da formação do catequista é o de prepará-lo para comunicar a mensagem cristã, àqueles que desejam entregar-se a Jesus

Cristo. A finalidade da formação requer, portanto, que o catequista se torne o mais capacitado possível a realizar sua missão.

O Directório Geral para a Catequese no nº 237, apresenta alguns critérios inspiradores para formação do catequista: formar catequistas com fé profunda; clara identidade cristã e eclesial; profunda sensibilidade social.

São necessários catequistas que sejam ao mesmo tempo, mestres, educadores e testemunhas.

O catequista precisa estar em contínua formação humana e cristã.

Sendo a catequese um processo permanente de educação da fé, também a formação do catequista deve ser permanente, pois o catequista terá sempre coisas para aprender em toda a sua vida. "Além de testemunha, o catequista deve ser mestre que ensina a fé. Além dos critérios inspiradores, a formação do catequista possui as seguintes dimensões: **SER, SABER E SABER FAZER.**

A formação deve levar em conta um duplo movimento de fidelidade: a Deus e ao homem.

Ninguém nasce catequista. Aqueles que são chamados a esta missão tornam-se bons catequistas através da prática, da reflexão e da preparação adequada. Para colaborar

na formação de discípulos de Cristo, o catequista deve ser, em primeiro lugar, um discípulo amoroso, humilde, alegre e fiel. A fé foi colocada por Deus no coração do homem. A tarefa do catequista é a de cultivar este Dom, alimentá-lo e ajudá-lo a crescer primeiro

É no grupo que acontece a formação através da partilha dos problemas e da busca de solução, das preocupações e das alegrias das actividades da catequese.

O grupo de catequistas deve ser fonte de vida, de esperança, de animação, de diálogo, de fraternidade e de alegria.

A realidade do mundo que nos cerca é essencial na catequese.

Somos agentes transformadores da sociedade e precisamos ter consciência da realidade.

De contrário, a catequese transforma-se num tempo breve de preparação intensiva para receber os sacramentos que não traduzem nenhuma mudança de vida.

É isso que queremos?

O catequista precisa, antes de tudo, compreender e sem desistir da marcha ir seguindo em frente, dando o seu melhor, acreditando no que faz, utilizando Jesus como a razão maior de seu trabalho e da sua missão. "Cada um de nós compõe a sua história e cada ser carrega em si o dom de ser

capaz, de ser feliz".

Seguimos a nossa marcha. Seguimos os passos de Jesus. Toque-mos em frente.

O mundo precisa dos catequistas. Precisa dos catequistas e dos pais e das famílias.

Pais que inscrevem os filhos na catequese devem ter consciência da importância deste momento na vida deles. Mas para isso, não basta inscrevê-los para que o catequista faça o milagre da conversão ou para dar mais uma ocupação ao filho. É preciso participar e envolver-se em conjunto.

Será que isso aconteceu este ano com todos os pais da nossa paróquia?

Que dizer das catequese de pais e filhos dos grupos de adolescentes?

Onde estão os pais e os filhos nas celebrações em geral e, muito particularmente, nas celebrações dominicais?

Se for sem a presença dos pais a catequese tem uma grande hipótese de se tornar apenas um momento comum, tradicional, da vida de centenas de crianças e adolescentes.

Afinal de contas, o que querem os pais para os filhos quando os inscrevem na catequese? Os pais não podem continuar a pensar e dizer:

“ Vais para a catequese porque nós também fomos e todo mundo vai senão não podes fazer a primeira comunhão”. Isso gera revolta e descontentamento e não ajuda em nada no processo de evangelização. Ninguém gosta de fazer nada forçado, muito menos crianças e jovens adolescentes.

É preciso falar da importância da catequese na vida de qualquer pessoa e explicar que é preciso manter uma vida espiritual activa. É preciso acompanhar a vida dos filhos na catequese.

Alguns pais inscrevem o filho e só vão falar com o catequista quando se aproxima o dia da

celebração final. Uma vez inscritos, os filhos precisam do devido acompanhamento. Os pais devem procurar saber o que se passa nos encontros e mostrar interesse pelos assuntos que são tratados. Deve saber quem é o catequista e conversar com ele frequentemente. Tanto o filho como o catequista se sentirão valorizados e motivados com este tipo de atitude. Deve rezar com seu filho, parar um momento do dia e rezar com ele. Pode ser uma oração simples, rápida. Levar o filho à missa. É fundamental que, pelo menos, uma vez por semana, a família vá a uma celebração. Os pais precisam participar da vida religiosa dos filhos

e a eucaristia é um forte momento de encontro em comunidade.

Infelizmente alguns pais não actuam da maneira correcta, ou seja, parecem estar sempre a criticar os catequistas, o sacerdote, a Igreja e depois espantam-se quando os filhos tomam atitudes incorrectas na catequese.

Os pais devem participar nas actividades da catequese. O calendário do início do ano prevê poucas actividades durante o ano em que os pais devem estar presentes. Mesmo assim, alguns não participam em nenhuma delas e marcam passeios e viagens para dias em que os filhos deviam estar presentes em celebrações significativas do seu

percurso catequético.

Para concluir podemos dizer que todos temos de introduzir mudanças na nossa forma de fazer catequese. Os catequistas apostando cada vez mais na sua formação a todos os níveis e na expressão viva e sincera da sua fé. Os pais no seu envolvimento cada vez maior nas actividades da catequese e na vivência dos valores cristãos fazendo da sua família uma verdadeira família cristã. A comunidade sendo capaz de acolher e amparar a todos, sentindo a catequese como uma necessidade para todos os momentos da vida e como a sua expressão máxima.

DONATIVOS PARA O AR CONDICIONADO DA CASA DA PAZ

Recebemos os seguintes donativos para a climatização da Casa da Paz. A todos bem haja.

Nome	Morada	Euros	Escudos
Alguém, em sufrágio de seu pai	Belinho	250 €	50.121\$00
Mário Torre e Elsa	USA / Belinho	200 €	40.096\$00
Anónima, em sufrágio de seu marido	Monte	100 €	20.048\$00
Sónia Cristina Almeida Gomes e José Carlos	Azevedo	80 €	16.039\$00
Cândida Alves da Cruz e filha Cândida, em sufrágio de seu marido e pai, Augusto do Paulo	Cima	500 €	100.241\$00
António da Cruz Rolo e Isabel Ribeiro da Costa, em sufrágio de seu pai	Bedulhas	60 €	12.029\$00
Filhos de Eva Pires Marques	Azevedo	150 €	30.072\$00
Família	Belinho	40 €	8.019\$00
Família de Carolina de Jesus Pereira, em sufrágio da sua alma	Guilheta	1.000 €	200.482\$00
Manuel Tavares e esposa	Guilheta	500 €	100.241\$00
Casal Anónimo	Monte	500 €	100.241\$00
Basília de Azevedo Viana	Azevedo	50 €	10.024\$00
Manuel Viana Alves e Olívia Viana da Cruz: Bodas de Ouro Matrimoniais	Monte	200 €	40.096\$00

Continua no próximo número

Nas mãos de Deus...

AUGUSTO ALVES ROLO

Na sequência de alguns problemas de saúde, próprios da avançada idade e de que há meses vinha sofrendo, faleceu no passado dia 15 de Maio, no Hospital de Viana do Castelo, Augusto Alves Rolo, de 83 anos, mais conhecido entre nós por "Augusto do Paulo", morador no lugar de S. Paio de Cima.

Nasceu no lugar de Azevedo a 21 de Janeiro de 1924, filho de Paulo Alves Rolo (1.4.1892 – 2.5.1960) e de Ana de Jesus Vaz de Almeida Torres (15.11.1893 – 22.2.1984). Tal como seus irmãos mais velhos (Maria, Manuel, Amélia e António), e mais novos (Isabel, José, Irene e Horácio), alguns já falecidos, foi educado nos bons princípios da sã convicção e da entreatajuda.

Rapaz novo, já calcorreava os caminhos do lugar de S. Paio de Cima trabalhando na "Quinta do Ferreiro" e, mais tarde, no abate de pinheiros por essas matas sem fim que se estendem pelas freguesias vizinhas e que conhecia como as palmas das mãos. Foi precisamente nesse lugar que viria a encontrar a sua futura esposa, Cândida Alves da Cruz, da casa da "Capucha", com quem contraiu matrimónio a 19 de Fevereiro de 1955. Iniciaram a sua vida a dois na antiga casa da "Quinta Velha". Desta união viriam a nascer 5 filhos que lhes deram 14 netos e 2 bisnetos.

Tal como muitos outros conterrâneos procurou na emigração melhorar a vida da família, demorando-se 14 anos por França, com breves visitas à família. Definitivamente entre nós, era certo vê-lo em todas as cerimónias religiosas da nossa igreja.

Agradável conversador, expunha com rara precisão, clareza e entusiasmo, muitos factos de outros tempos que guardava na sua prodigiosa memória, alguns que ele presenciou, outros que ouviu contar aos pais e pessoas mais velhas. A ele se devem alguns pormenores, muitos deles documentalmente confirmados, transcritos para o livro "A Nossa Terra e Suas Devoções".

Com a sua partida, perdeu S. Paio de Antas mais um homem que, pelos seus conhecimentos e disponibilidade para os transmitir, deixa um lugar difícil de preencher.

O Senhor lhe dê a recompensa que guarda para os justos.

Carolina de Jesus Pereira, contava 93 anos, quando Deus a chamou à Sua amorosa presença. No dia 10 de Junho, no lugar de Guilheta, onde residia. Filha de Domingos Gonçalves da Costa e de Emília de Jesus Pereira.

Viúva de Amedeu Fernandes de Sá. Mulher simples de trabalho. Mulher de grande fé. Que Deus a tenha junto de Si e lhe dê a recompensa de seus trabalhos.



EVA PIRES MARQUES

- nascida a 04/07/56/Faleceu a 11/05/07

A caminhada terrena que nos é defenida pelo nosso Pai do Céu, só ele sabe se é curta, média ou longa.

Para nós homens, mesmo que longa esta caminhada é sempre curta.

Por isso, no final dessa caminhada, sabemos que não choramos a sua morte, mas sim a saudade que irá marcar cada um de nós.

No seio da sua família de trabalho era a D. Eva a quem sempre nos dirigiamos para pedir isto ou aquilo, estando sempre pronta para satisfazer as vontades alheias.

Dedicou a sua vida ao trabalho e principalmente aos seus filhos, que criou com sacrifício mas com muito Amor.

Amor esse, que não fazia sacrifício para dar, pois brotava espontaneamente.

Paz á sua Alma.



Maria Rodrigues Meira

No dia 25 de Junho às 7 horas da tarde, faleceu no hospital de Barcelos Maria Rodrigues Meira com a idade de 86 anos, filha de Manuel Gonçalves Rolo e de Amília Rodrigues Meira era a mais velha de 14 irmãos, pelas dificuldades da vida foi muita nova servir para careço,

onde esteve vários anos, depois de voltar para casa de seus pais trabalhou como jornaleira em várias casas principalmente na casa de Belinho. Depois de todos esses anos de trabalho, dedicou-se aos pais, à irmã e ao sobrinho que criaram desde os 3 meses de idade, também já falecido.

Era mulher de fé, sempre alegre e amiga gostava muito de ajudar os outros.

Foi catequista desde quando o S. Padre Benjamin Salgado veio paroquiar S. Paio DSection 1 Antas, só deixou de ser catequista quando começaram haver os livros pelo motivo de não saber ler, mas mesmo depois de o deixar de ser continuou a preparar as crianças da Primeira Comunhão em sua casa.

Pouco antes de falecer algumas catequistas e um grupo de crianças fizeram-lhe uma visita em sua casa oferecendo-lhe algumas recordações.

Que Deus lhe dê a recompensa de todos os seus trabalhos.

Paz à sua alma



BODAS DE PRATA DA ORDENAÇÃO SACERDOTAL E MISSA NOVA DO

Rev.º P.º Albino de Azevedo Faria

De vez em quando temos motivos para festa! Ai vem mais uma, singela sem dúvida, mas significativa como todas as passadas. É no próximo dia 18 deste mês de Julho que se completam vinte e cinco anos sobre o da ordenação sacerdotal do P.º Albino Faria.

É certo que o tempo passa depressa. Não nos apercebemos disso na adolescência e na juventude, e disso não se terá apercebido o jovem Albino quando estudante. Ansiava certamente pelo dia que lhe parecia nunca mais chegar, em que, cumpridos os longos anos de preparação, atingiria o objectivo a que se propusera: consagrado a Deus e à Igreja, dedicar-se totalmente aos outros.

Ele saberá os sentimentos que o assaltaram nesse dia, como sentiu o abraço dos pais e dos irmãos, dos padrinhos e de outros familiares, dos professores e dos colegas, dos amigos e dos conterrâneos. Sabemos nós o orgulho que sentimos por mais um sacerdote da nossa terra!

Para trás ficavam datas marcantes da sua ainda curta vida: o nascimento a 4 de Fevereiro de 1955; o baptismo 3 dias depois, pelo reitor P.º Benjamim Salgado; o crisma no memorável 1.º domingo de Agosto de 1963, quando D. Francisco Maria da Silva veio inaugurar o Salão Paroquial e ministrou este sacramento a 348 pessoas; a passagem pelos bancos da primária e tele-escola, a entrada no Seminário de N. S. da Conceição, em Braga, a recepção da Ordem de diácono já naquele ano de 1982...

Se, por acaso, o jovem sacerdote recordou o passado, o dia era, sobretudo, para encarar o futuro. Não temia as inevitáveis dificuldades que surgiriam, para as enfrentar tinha recebido preparação adequada. A nós, seus conterrâneos e amigos, só uma coisa nos preocupava: manifestar-lhe condignamente o nosso apreço, recebê-lo em festa na ansiada Missa Nova marcada já para o próximo dia de Nossa Senhora da Assunção.

Acostumados como estávamos a estas festas, embora já tivessem passado 14 anos sobre a última (a Missa Nova do P.º Ernesto Neiva), foi fácil congregar esforços para alegrar com tapetes de flores e ramos de palmeira os caminhos que vão da casa paterna até à igreja. A única dificuldade que se levantava era estar o nosso templo em profundas obras que não foi possível concluir a tempo. Tudo se resolveu: no adro ergueu-se um lindo altar, sob um dossel de alvos panos de linho do tear, a que o P.º Albino chegou em cortejo ao meio-dia, acompanhado do Sr. Reitor, sacerdotes da freguesia, alguns discípulos e grande número de conterrâneos.

À homília, eloquentemente proferida pelo P.º António Sá, poucos olhos terão ficado enxutos. O orador, inspirado no versículo do Magnificat que diz: "Derru-

bou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes", comprou a modéstia de recursos auferidos pelo trabalho honesto do lavrador, que permitiram a formação do P.º Albino, com os do pobre carpinteiro de Nazaré. As privações porque passou a família durante os últimos anos estavam plenamente compensadas com a exaltação vivida naquela feliz ocasião.

O salão de festas do Centro Paroquial, onde se realizavam as cerimónias religiosas por causa das obras na igreja, e donde se retirou o Santíssimo para a capela de Santa Tecla, encheu-se de convidados para o alegre almoço de confraternização.

Logo ao jovem sacerdote foi confiada a extensa paróquia de Vilar da Veiga (que compreende também as igrejas de Gerês e Ermida), no concelho de Terras de Bouro, onde entrou em 24 de Outubro de 1982 e donde se despediu a 15 de Setembro de 1996. Oito dias depois, assumia as mesmas responsabilidades nas freguesias de Vila Boa e da Silva, concelho de Barcelos, às quais se viria juntar mais recentemente, desde 11 de Março do corrente ano, a paróquia de Abade de Neiva. A par da intensa actividade paroquial, dedicou-se ainda ao ensino na Escola Preparatória e Secundária de Vieira do Minho, de 1984 a 1996, na Escola Gonçalo Nunes (Barcelos) em 1996-97, na Secundária de Barcelos de 1997 a 1999, na Preparatória de Lijó, em 1999-2000 e, actualmente, desde 2000, na Escola Básica Integrada de Vila Cova.

O Padre Albino, embora condicionado pelas tarefas que três paróquias exigem, prometeu encontrar-se connosco na nossa igreja para uma Missa de Acção de Graças, pelas 18 horas do próximo dia 14 de Agosto, véspera da festa de N. S. da Assunção. Lá o esperamos para com ele e sua família, nomeadamente seus irmãos Manuel, Maria e José, agradecermos a Deus estes 25 anos, e recordarmos seus saudosos pais, Maria de Lurdes Rodrigues de Azevedo e António Lourenço de Faria, os padrinhos Albino e Maria Amélia, e outros familiares já falecidos, entre os quais seu malogrado primo o P.º Manuel Alves Laranjeira.

Parabéns, Padre Albino! Como o tempo passa depressa, desde já o conjuramos para as Bodas de Ouro...



Raul Saleiro

FESTAS RELIGIOSAS: NORMAS PASTORAIS

Como é do conhecimento de todos, a Concordata entre a Santa Sé e o Estado Português, celebrada a 18 de Maio de 2004, produziu alterações significativas no modo de prestações de contas das Comissões de Festas.

Por isso, a Fábrica da Igreja Paroquial de S. Paio de Antas, em consonância com o Arciprestado de Esposende e a Arquidiocese de Braga, tomou as seguintes resoluções:

1. Todos os contratos devem ser celebrados em nome de:

a. Fábrica da Igreja

Paroquial de S. Paio de Antas — Comissão de Festas de S. Paio e de Nossa Senhora das Vitórias, NIPC 501 305 173;

b. Fábrica da Igreja Paroquial de S. Paio de Antas — Comissão de Festas de Santa Tecla, Santa Luzia e Santa Bárbara, NIPC 501 305 173;

2. Todo e qualquer pagamento tem de ser efectuado apenas por cheque, com arquivo de cópia do mesmo, mediante a apresentação do respectivo recibo em nome de:

a. Fábrica da Igreja Paroquial de S. Paio de Antas — Comissão de Festas de S. Paio e de

Nossa Senhora das Vitórias, NIPC 501 305 173;

b. Fábrica da Igreja Paroquial de S. Paio de Antas — Comissão de Festas de Santa Tecla, Santa Luzia e Santa Bárbara, NIPC 501 305 173;

3. A conta bancária deve ter duas assinaturas obrigatórias e deve ser aberta em nome de:

a. Fábrica da Igreja Paroquial de S. Paio de Antas — Comissão de Festas de S. Paio e de Nossa Senhora das Vitórias, NIPC 501 305 173;

b. Fábrica da Igreja Paroquial de S. Paio de Antas — Comissão de Festas de Santa Tecla,

Santa Luzia e Santa Bárbara, NIPC 501 305 173;

4. Os recibos dos donativos superiores a 250 € só serão passados com a apresentação da cópia do respectivo cheque e do depósito na conta da respectiva comissão de festas;

5. A comissão de festas cessante só pode propor ao pároco os elementos da nova comissão de festas depois de fechado o respectivo exercício, isto é, depois de apresentadas e aprovadas as contas.

FINALMENTE, AS FÉRIAS!

O evangelho traz-nos o convite do Senhor: Repousai um pouco!

Façamos um propósito sério de bem aproveitar o tempo. Dia após dia, ano após ano, eis nos cada vez mais perto da meta final. Para os que têm fê, as férias grandes e totalmente repousantes estão para além deste mundo, na eternidade, lá onde está Deus, Senhor da Vida e do Tempo, e onde estão também muitos dos nossos familiares e amigos, que conosco compartilharam momentos inesquecíveis de felicidade.

No regresso de férias, oxigenemos o com o ar puro de optimismo cristão. Proponhamo-nos fazer bem as pequenas coisas de cada dia, partilhar fraternalmente com os outros alegrias e tristezas, por cada coisa no seu lugar

e Deus no centro da nossa vida e das nossas preocupações.

Pode estar aqui o segredo de um ano feliz, até às próximas férias, até ao dia em que Deus nos chame para umas férias eternas junto de Si. Boas Férias.

